

A black and white aerial photograph showing a group of people crossing a street at a crosswalk. Some individuals are holding colorful umbrellas (yellow, pink, blue, brown) to shield themselves from rain. The crosswalk is marked with thick white stripes on a dark asphalt surface.

Anthony Giddens

Sociologia

6^a edição

Revisado e atualizado com
Philip W. Sutton

Anthony Giddens é ex-diretor da London School of Economics.

Philip W. Sutton é professor na University of Leeds e na Robert Gordon University.



G453s

Giddens, Anthony.

Sociologia / Anthony Giddens ; tradução: Ronaldo Cataldo Costa ; revisão técnica: Fernando Coutinho Cotanda. – 6. ed. – Porto Alegre : Penso, 2012.

847 p. : il. color. ; 28 cm.

ISBN 978-85-63899-26-2

1. Sociologia. I. Título.

CDU 316

uma classe de trabalhadores assalariados – uma classe trabalhadora. À medida que a industrialização avançava, grandes quantidades de camponeses que se sustentavam trabalhando na terra se mudaram para as cidades em processo de expansão ajudaram a formar uma classe trabalhadora industrial urbana. Essa classe trabalhadora também costuma ser chamada de **proletariado**.

Marx acreditava que o capitalismo era um sistema inerentemente **classista**, no qual as relações de classe se caracterizam pelo conflito. Embora os donos do capital e trabalhadores dependam uns dos outros – os capitalistas precisam da mão de obra e os trabalhadores precisam do salário – a dependência é muito desequilibrada. A relação entre as classes é de exploração, pois os trabalhadores têm pouco ou nenhum controle sobre o seu trabalho, e os empregadores podem obter lucro apropriando-se do produto da mão de obra dos trabalhadores. Marx enxergou que o conflito de classe quanto aos recursos econômicos se tornaria mais agudo com o passar do tempo.

Karl Marx

As ideias de Karl Marx (1818-1883) contrastam nitidamente com as de Comte e Durkheim, mas, como eles, Marx procurou explicar as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade durante a época da Revolução Industrial. Quando jovem, as atividades políticas de Marx o colocaram em conflito com as autoridades alemãs; depois de uma breve estadia na França, ele se exiliou permanentemente na Grã-Bretanha. Marx testemunhou o crescimento de fábricas e da produção industrial, bem como as desigualdades resultantes. Seu interesse no movimento operário europeu e nas ideias socialistas refletia em seus escritos, que cobriam uma diversidade de temas. Grande parte do seu trabalho se concentrava em questões econômicas, mas, como sempre se preocupou em conectar os problemas econômicos com instituições sociais, sua obra era, e ainda é, rica em visões sociológicas. Mesmo seus críticos mais severos consideram seu trabalho importante para o desenvolvimento da sociologia.

Capitalismo e luta de classe

Embora tenha escrito sobre várias fases da história, Marx concentrou-se principalmente nas mudanças nos tempos modernos. Para ele, as mudanças mais importantes estavam ligadas ao desenvolvimento do **capitalismo**. O capitalismo é um sistema de produção que se diferencia radicalmente de todos os sistemas econômicos anteriores, envolvendo a produção de bens e serviços vendidos a uma ampla variedade de consumidores. Marx identificou dois elementos básicos nas empresas capitalistas. O primeiro é o capital – qualquer recurso, incluindo dinheiro, máquinas ou mesmo fábricas, que possa ser usado ou investido para criar recursos futuros. A acumulação do capital acompanha um segundo elemento, a mão de obra assalariada. A mão de obra assalariada refere-se ao conjunto de trabalhadores que não possuem os meios para sua sobrevivência, mas que devem buscar emprego proporcionado pelos donos do capital. Marx argumentava que aqueles que possuem o capital – **capitalistas** – formam uma classe dominante, ao passo que a massa da população forma

Mudança social: a concepção materialista da história

O ponto de vista de Marx baseia-se naquilo que chamou de **concepção materialista da história**. Segundo essa visão, não são as ideias ou os valores que os seres humanos detêm que são as principais fontes de mudanças sociais; ao invés disso, as mudanças sociais são primordialmente induzidas por influências econômicas. Os conflitos entre as classes proporcionam a motivação para o desenvolvimento histórico – eles são o “motor da história”. Conforme escreveu Marx no começo do *Manifesto Comunista*, “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classe” (Marx e Engels 2001 [1848]). Embora Marx tenha concentrado sua atenção mais no capitalismo e na sociedade moderna, ele também analisou como as sociedades se desenvolveram no decorrer da história. Segundo ele, os sistemas sociais fazem uma transição de um modo de produção para outro – às vezes gradualmente, às vezes por uma revolução – como resultado de contradições em suas economias. Ele propôs uma progressão de estágios históricos que começa com as sociedades comunitárias primitivas de caçadores e coletores e passa pelos antigos sistemas escravagistas e sistemas feudais baseados na divisão entre proprietários de terras e servos. O surgimento de mercadores e artesãos marcou o começo de uma classe comercial ou capitalista, que deslocou a nobreza proprietária de terra. De acordo com essa visão da história, Marx argumentava que, assim como haviam se unido para derrubar a ordem feudal, os capitalistas também seriam sucedidos por uma nova ordem instalada: o **comunismo**.

Marx teorizou a inevitabilidade de uma revolução de trabalhadores que derrubaria o sistema capitalista e anunciaría uma nova sociedade, na qual não haveria classes – nenhuma divisão de grande escala entre ricos e pobres. Ele não quis dizer que todas as desigualdades entre os indivíduos desapareceriam, pelo contrário, a sociedade não seria mais dividida em uma pequena classe que monopoliza o poder econômico e político e a grande massa de pessoas que recebem poucos benefícios pela riqueza que seu trabalho gera. O sistema econômico passaria a ser de propriedade comum, e se estabeleceria uma sociedade mais humana do que a que conhecemos

atualmente. Marx argumentava que, na sociedade do futuro, a produção seria mais avançada e eficiente do que a produção sob o capitalismo.

O trabalho de Marx teve uma profunda influência no mundo do século XX. Até apenas uma geração atrás, mais de um terço da população da terra vivia em sociedades, como a União Soviética e os países do Leste Europeu, cujos governos afirmavam derivar sua inspiração das ideias de Marx.

Max Weber

Como Marx, Max Weber (1864-1920) não pode ser simplesmente rotulado como sociólogo; seus interesses e preocupações cobriam muitas áreas. Nascido na Alemanha, onde passou a maior parte da sua carreira acadêmica, Weber foi um indivíduo muito estudioso. Seus escritos cobriam os campos da economia, do direito, da filosofia e da história comparativa, além da sociologia. Grande parte do seu trabalho também estava relacionada com o desenvolvimento do capitalismo moderno e as maneiras em que a sociedade moderna era diferente de formas anteriores de organização social. Por uma série de estudos empíricos, Weber propôs algumas das características básicas das sociedades industriais modernas e identificou debates sociológicos cruciais que permanecem centrais para os sociólogos atualmente.

Em comum com outros pensadores da sua época, Weber buscou entender a natureza e as causas das mudanças sociais. Ele foi influenciado por Marx, mas também foi bastante crítico de algumas das principais visões de Marx. Ele rejeitava a conceção materialista da história e considerava os conflitos de classe menos significativos do que Marx. Segundo a visão de Weber, os fatores econômicos são importantes, mas as ideias

e os valores também têm um grande impacto nas mudanças sociais. A elogiada e discutida obra de Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1992 [1904-195]), propõe que os valores religiosos – especialmente aqueles associados ao puritanismo – tinham importância fundamental para criar uma perspectiva capitalista. Ao contrário de outros pensadores sociológicos, Weber argumentava que a sociologia devia se concentrar na ação social, e não em estruturas sociais. Ele argumentava que a motivação e as ideias humanas eram as forças por trás da mudança – ideias, valores e opiniões tinham o poder de causar transformações. Segundo Weber, os indivíduos têm a capacidade de agir livremente e de moldar o futuro. Ele não considerava, como Durkheim e Marx, que as estruturas existiam fora ou independentemente dos indivíduos. Pelo contrário, as estruturas da sociedade eram formadas por uma complexa inter-relação de ações. E era trabalho da sociologia entender os significados por trás dessas ações.

Alguns dos textos mais influentes de Weber refletem sua preocupação com a ação social, ao analisar a peculiaridade da sociedade Ocidental em relação a outras civilizações importantes. Ele estudou as religiões da China, Índia e do Oriente Próximo e, no decorrer dessas pesquisas, fez grandes contribuições para a sociologia da religião. Comparando os principais sistemas religiosos da China e da Índia com os do Ocidente, Weber concluiu que certos aspectos das crenças cristãs tiveram grande influência na ascensão do capitalismo. Ele argumentava que a perspectiva capitalista nas sociedades Ocidentais não emergiu, conforme supunha Marx, apenas de mudanças econômicas. Na visão de Weber, as ideias e os valores culturais ajudaram a moldar a sociedade e nossos atos individuais.



Max Weber (1864–1920).

Um elemento importante na perspectiva sociológica de Weber foi a ideia do **tipo ideal**. Os tipos ideais são modelos conceituais ou analíticos que podem ser usados para se entender o mundo. No mundo real, os tipos ideias raramente, ou nunca, existem – muitas vezes, apenas alguns dos seus atributos estão presentes. Todavia, essas construções hipotéticas podem ser muito proveitosas, pois é possível entender qualquer situação do mundo real comparando-a com um tipo ideal. Dessa forma, os tipos ideais servem como um ponto de referência fixo. É importante mostrar que, com o tipo “ideal”, Weber não queria dizer que a concepção era um objetivo perfeito ou desejável. Ao invés disso, Weber queria dizer que era uma forma “pura” de um certo fenômeno. Weber usou os tipos ideais em seus escritos sobre formas de burocracia e mercados econômicos.

Racionalização

Segundo a visão de Weber, a emergência da sociedade moderna foi acompanhada por importantes mudanças em padrões de ação social. Ele acreditava que as pessoas estavam se afastando de crenças tradicionais fundamentadas em superstição, religião, costumes e hábitos antigos. Pelo contrário,

os indivíduos estavam cada vez mais envolvidos em cálculos racionais e instrumentais, que levavam em conta a eficiência e as consequências futuras dos seus atos. Na sociedade industrial, havia pouco espaço para o sentimento e para fazer as coisas simplesmente porque vinham sendo feitas daquele modo há gerações. Weber descreveu o desenvolvimento da ciência, da tecnologia moderna e da **burocracia** coletivamente como **racionalização** – a organização da vida social e econômica segundo os princípios da eficiência e com base no conhecimento técnico. Se, nas sociedades tradicionais, a religião e os costumes antigos definiam as posturas e valores das pessoas, a sociedade moderna foi marcada pela racionalização de um número cada vez maior de áreas da vida, da política à religião e à atividade econômica.

Segundo Weber, a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo foram evidências da tendência mais ampla para a racionalização. O capitalismo não é dominado pelo conflito de classe, como argumentava Marx, mas pela ascensão da ciência e da burocracia: organizações de grande escala. Weber considerava o caráter científico do Ocidente como um de seus aspectos mais característicos. A burocracia, o único modo de organizar grandes quantidades de pessoas efetivamente, expande-se com o crescimento econômico e político. Weber usou o termo “desencantamento” para descrever a maneira em que o pensamento científico no mundo moderno havia varrido as forças do sentimentalismo do passado.

Todavia, Weber não era totalmente otimista quanto ao resultado da racionalização. Ele temia que a disseminação da burocracia moderna para todas as áreas da vida nos aprisionasse em uma “jaula de ferro”, da qual haveria pouca chance de escapar. A dominação burocrática, ainda que baseada em princípios racionais, poderia esmagar o espírito humano, tentando regular todas as esferas da vida social. Ele se preocupava particularmente com os efeitos sufocantes e desumanizantes da burocracia e suas implicações para o destino da **democracia**. A agenda aparentemente progressista da Era do Iluminismo do século XVIII, de progresso científico, aumentando a riqueza e a felicidade produzida enquanto rejeitava costumes tradicionais e superstições, também tinha um lado obscuro e com novos perigos.

Abordagens teóricas modernas

Os primeiros sociólogos estavam unidos em seu desejo de compreender as mudanças nas sociedades em que viviam. Porém, eles queriam fazer mais que apenas representar e interpretar os acontecimentos momentâneos do seu tempo. Todos tentaram desenvolver maneiras de estudar o mundo social que pudessem explicar como as sociedades funcionavam e quais eram as causas das mudanças sociais. Ainda assim, como já vimos, Durkheim, Marx e Weber empregaram abordagens bastante diferentes em seus estudos. Por exemplo, onde Durkheim e Marx se concentram na intensidade de forças externas ao indivíduo, Weber usa, como ponto de partida, a capacidade de os indivíduos agirem de maneiras criativas sobre o mundo externo. Onde Marx aponta para a predominância de questões econômicas, Weber considera significativa uma variedade muito mais ampla de fatores. Essas diferenças de abordagem persistiram através da história

A religião no coração do capitalismo?

Segundo Weber, se olharmos o desenvolvimento econômico do Ocidente, encontraremos algo bastante diferente: uma atitude de acumulação de riqueza que não se encontra em nenhuma outra parte da história. Essa atitude é o que Weber chamou de “espírito do capitalismo” – um conjunto de crenças e valores encontrado nos primeiros mercadores e industrialistas capitalistas. Essas pessoas tinham um forte impulso de acumular riqueza pessoal. Ainda assim, ao contrário dos ricos em outras partes, eles não tentavam usar suas riquezas acumuladas para ter um estilo de vida luxuoso. Seu modo de vida, de fato, era de abnegação e frugalidade; eles viviam de forma sóbria e calma, ocultando as manifestações comuns de afluência. Essa combinação incomum de características, que Weber tentou mostrar, foi vital para o desenvolvimento econômico ocidental, pois, ao contrário dos ricos em eras anteriores e em outras culturas, esses grupos não dissipavam sua riqueza: pelo contrário, eles a reinvestiam para promover uma expansão maior das empresas que dirigiam.

O núcleo da teoria de Weber é que as atitudes envolvidas no espírito do capitalismo derivavam da religião. O cristianismo, em geral, teve o papel de promover essa perspectiva, mas a força motivadora essencial foi proporcionada pelo impacto do protestantismo, em particular: o puritanismo. Os primeiros capitalistas eram principalmente puritanos, e muitos aderiam aos pontos de vista calvinistas. Weber argumentava que certas doutrinas calvinistas eram a fonte direta do espírito do capitalismo. Uma delas era a ideia de que os seres humanos são instrumentos de Deus na Terra, chamados pelo Todo-Poderoso para trabalhar em uma vocação – uma ocupação para a glória maior de Deus.

Um segundo aspecto importante do calvinismo era a noção de predestinação, segundo a qual apenas certos indivíduos predestinados estão entre os “eleitos” – para entrar no paraíso, na vida eterna. Na doutrina original de Calvino, nada que uma pessoa faça na Terra pode mudar se ela é um dos eleitos; isso já foi predeterminado por Deus. Todavia, essa crença causava tanta ansiedade entre seus seguidores que foi modificada, permitindo que os crentes reconhecessem certos sinais de elegibilidade.

O sucesso no trabalho em uma determinada vocação, indicado pela prosperidade material, tornou-se o principal sinal de que uma pessoa era verdadeiramente um dos eleitos. Criou-se um forte ímpeto para o sucesso econômico entre grupos influenciados por essas ideias. Ainda assim, ele era acompanhado pela necessidade de que o crente vivesse uma vida sóbria e frugal. Os puritanos acreditavam que a luxúria era um mal, de modo que o impulso de acumular riqueza era ligado a um estilo de vida severo e simples.

Os primeiros empreendedores tinham pouca consciência de que estavam ajudando a fazer mudanças significativas na sociedade; eles eram impelidos, acima de tudo, por motivos religiosos. O estilo ascético – ou seja, abnegado – dos puritanos se tornou uma parte intrínseca da civilização moderna. Conforme escreveu Weber:

Max Weber: capitalismo e religião

Em um importante trabalho, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1992 [1904-1905]), Weber tenta abordar um problema fundamental: por que o capitalismo se desenvolveu no Ocidente e em nenhum outro lugar? Por aproximadamente 13 séculos depois da queda da Roma antiga, outras civilizações foram muito mais proeminentes do que o Ocidente na história mundial. A Europa, de fato, era uma área bastante insignificante do planeta, enquanto a China, a Índia e o Império Otomano no Oriente Longínquo eram grandes potências. Os chineses, em particular, estavam muito à frente do Ocidente em termos de desenvolvimento tecnológico e econômico. O que aconteceu para trazer uma onda de progresso econômico à Europa a partir do século XVII?

Para responder essa questão, segundo Weber, devemos mostrar o que separa a indústria moderna dos tipos anteriores de atividade econômica. Encontraremos o desejo de acumular riqueza em muitas civilizações diferentes, e isso não é difícil de explicar: as pessoas valorizam a riqueza em relação a conforto, segurança, poder e prazer que ela pode trazer.

Elas querem ser livres de carências e, tendo acumulado riqueza, a utilizam para viver confortavelmente.

Os puritanos querem seguir uma vocação.

Somos forçados a fazê-lo. Pois quando o ascetismo saiu das celas monásticas para a vida cotidiana, e começou a dominar a moralidade mundana, ele fez a sua parte em construir o tremendo cosmos da ordem econômica moderna.... Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e a nele se desenvolver, os bens materiais adquiriram um poder cada vez maior e finalmente inexorável sobre a vida dos homens, como em nenhum período anterior da história.... A ideia do dever na vocação ronda nossas vidas como o fantasma de crenças religiosas mortas. (1992, p. 182)

Avaliação

A teoria de Weber tem sido criticada por muitos ângulos. Alguns argumentam, por exemplo, que a perspectiva que ele chamava de “o espírito do capitalismo” pode ser identificada nas primeiras cidades mercantes italianas do século XII, muito antes de se ouvir falar em calvinismo. Outros afirmam que a noção fundamental de “trabalhar em uma vocação”, que Weber associou ao protestantismo, já existia nas crenças católicas. Ainda assim, os elementos essenciais da visão de Weber ainda são aceitos por muitos, e a tese que ele defendia permanece tão audaz e esclarecedora quanto na época em que foi formulada. Se a tese de Weber é válida, o desenvolvimento econômico e social moderno foi influenciado decididamente por algo que, à primeira vista, parece muito distante dele – um conjunto de ideais religiosos. Isso é algo que Marx não enxergou dentro das relações econômicas capitalistas.

A teoria de Weber cumpre vários critérios importantes do pensamento teórico em sociologia. Primeiramente, ela é contraintuitiva – sugere uma interpretação que rompe com aquilo que sugeriria o senso comum. Assim, a teoria desenvolve uma perspectiva nova sobre as questões que aborda. A maioria dos autores antes de Weber quase não pensava na possibilidade de que ideias religiosas pudessem ter exercido um papel fundamental na origem do capitalismo. Em segundo lugar, a teoria dá sentido a algo que, de outra forma, se torna intrigante: por que os indivíduos quereriam viver frugalmente enquanto fazem grandes esforços para acumular riqueza? Em terceiro, a teoria é capaz de esclarecer circunstâncias além daquelas que se propunha a explicar originalmente. Weber enfatizava que estava tentando entender apenas as origens iniciais do capitalismo moderno. Todavia, parece razoável supor que valores paralelos aos instilados pelo puritanismo podem estar envolvidos em outras situações de desenvolvimento capitalista bem-sucedido. Finalmente, uma boa teoria não é apenas aquela que se mostra válida. Também é aquela que é frutífera em termos do quanto gera novas ideias e estimula novas pesquisas.

REFLEXÃO CRÍTICA

A teoria de Weber sobre a origem do capitalismo vai além do conceito de Merton de uma “teoria intermediária”. Porém, será que os estudos existentes podem testá-la efetivamente? Liste todos os elementos do capitalismo descritos por Weber. O que a teoria acrescenta à nossa compreensão da natureza, caráter e provável desenvolvimento futuro do capitalismo moderno?

A teoria de Weber, como a análise de Marx sobre o capitalismo, certamente é bem-sucedida nesses sentidos, proporcionado um trampolim para uma vasta quantidade de pesquisas e análises teóricas subsequentes. A abordagem de Weber à sociologia também forma a base para a tradição conhecida como interacionismo.

Interacionismo simbólico, fenomenologia e etnometodologia

Juntamente com Max Weber, credita-se ao behaviorista social norte-americano George Herbert Mead ter estabelecido as bases para uma abordagem geral da sociologia chamada *interacionismo*. Esse é um rótulo geral que cobre todas as abordagens que investigam as interações sociais entre indivíduos, em vez de partir da sociedade ou das estruturas sociais que a constituem. Os interacionistas muitas vezes rejeitam a própria noção de que as estruturas sociais existem objetivamente, ou simplesmente não as levam em conta. Herbert Blumer (que cunhou o termo “*interacionismo simbólico*”) argumentava que toda a conversa sobre estruturas sociais ou sistemas sociais é injustificada, pois somente se pode dizer que existem, realmente, indivíduos e suas interações.

O *interacionismo simbólico* concentra-se na interação no nível micro e na maneira em que os significados são construídos e transformados entre os membros da sociedade. G. H. Mead (1934) argumentava que o *self* do indivíduo é um *self social*, produzido no processo de interação, ao invés de ser biologicamente dado. A teoria de Mead traça a emergência e o desenvolvimento do *self* através de uma série de estágios na infância, e suas ideias sobre o *self social* fundamentam grande parte da pesquisa interacionista (ver o Capítulo 1 para uma discussão das ideias de Mead). O lar dessa perspectiva, por 30 anos, até 1950, foi o departamento de sociologia da Universidade de Chicago (conhecido como a Escola de Chicago), embora, de maneira alguma, todos os sociólogos de Chicago fossem interacionistas simbólicos. O departamento também era o lar da abordagem “ecológica” de Louis Wirth, Robert E. Park e Ernest Burgess (ver o Capítulo 6, “Cidades e vida urbana”, para uma discussão dessa abordagem). Todavia, a base institucional para os principais interacionistas, incluindo Mead, foi um fator importante para ampliar a abordagem.

Possivelmente, o interacionista simbólico de maior êxito seja Erving Goffman. Os estudos de Goffman sobre os “asiłos” mentais, processos de estigmatização e as maneiras em que as pessoas apresentam seus *selves* em encontros sociais se tornaram clássicos sociológicos, tanto por seu estilo metodológico e observacional quanto por seus resultados. Ao desenvolver sua “análise dramatúrgica”, que trabalha com a metáfora do teatro, as ideias de Goffman tiveram uma influência muito ampla sobre estudantes de todo o mundo.